

BRANDÃO VIVE, AINDA E SEMPRE, NAS TRILHAS DO QUE SEMEOU

Teresa Vignoli – (Teca)^()*

*Ouve o
silêncio!
Ele fala
com a voz mínima
de um colibri.
Cala o que dizes
e ouvindo o seu canto
saberás que ele canta
dentro de ti.*

Carlos Rodrigues Brandãoⁱ

Ao ler poemas do amigo tão amado, me arrepio com o mistério que ele narra. Poesia a sua, tão intensa, me faz percorrer os seus caminhos. Dói a saudade, e se acalma ao sentir que tudo é UNO e ele não se foi. Aqui segue caminhando entre as estrelas, no espaço que voa além do tempo, e da morte faz ponte para o diálogo. Converso com as memórias do poeta andarilho que ilumina como o sol a minha noite. Como o sol, sim, mas pela lua, que se enfeita com a luz que ele irradiava.

Entre noite e dia o lusco-fusco, que ameniza os ardores do caminho. Percorro com a pele o que tu dizes, e sinto, e sonho, e não entendo. Percebo que não entender é meu tesouro e me aquieto e me acalento. E compreendo.

Caminhei contigo, Carlos querido, como nas estradas de Pocinhos, até cachoeiras, entre tantos rios, nas pedras que guardam as águas, no fluir de vidas várias. Caminhamos, como sempre, com amigas e amigos, até o Morro das Estrelas, refúgio de eternos sonhadores como éramos nós. Tu nos ensinavas a ler as constelações e seus sentidos, a saber melhor olhar o céu e seus desenhos. Eu me via uma eterna aluna sua, na alfabetização necessária pra ler na Vida as entrelinhas. Sabias ensinar Tudo. Ensinavas aos que na tua barca iam, a ler nos rios, nos caminhos e nas estrelas as letras

^(*) Psicóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Psicoterapeuta e supervisora clínica. Especialista em Gestalt-terapia pelo Center for Studies of the Person, em convênio com o prof. Walter da Rosa Ribeiro, de Brasília, e em Psicologia Analítica Junguiana pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do curso de Formação em Gestalt-terapia do Centro de Estudos e Pesquisas em Gestalt-terapia de Campinas (SatoriGT), e professora convidada do Instituto Gestalt de São Paulo. Poeta, com livros publicados e participação em coletâneas. E-mail: teresavignoli@gmail.com.

da poesia que a Natureza irradia. O teu amigo e parceiro, o grande Paulo Freire, também ali estava contigo, nas dobras que escondem o infinito.

Depois, à noite, era a varanda, fogueira e violas, prosas animadas, sonhos repartidos. Na Rosa dos Ventos, teu sítio, casa de acolhida aos navegantes da Utopia. Tantos afetos, tantas trocas, as cantorias nos alimentavam com esperança. Os pratos na mesa, o suco, o vinho, as comidas feitas com alegria, as várias mãos que fluíam no prazer de fazer junto. Ali tudo era partilha, palavra e gesto que em nós semeavas, sempre. A solidariedade que emanavas em teus atos perfumava nossos corações cansados. Um belo poema teu fala disso e me traz a imagem do portão sempre aberto da tua Casa:

Sempre

*Sempre é chegar.
Sempre é quando alguém abre uma porta
e te abraça e te acolhe.
E te guarda a capa e o guarda-chuva.
Com os sapatos molhados e com lama
entras na casa, e te desculpas.
E alguém que mal conheces sorri
e tira da trempe a sopa que te espera.
Assim teus dias foram. Assim são.
Assim chegas acaso até onde não te esperam
e uma outra porta se abre, e é sempre agora.
E chegas, e entras. E então...*

Carlos Rodrigues Brandão.ⁱⁱ

E eram tantas e tantos que por ali chegavam, entre alunos, músicos, poetas, viajantes, educadores, antropólogos, moradores do lugar, tantas e tantos.

Por ali passávamos, uns ali dormiam nos quartos, ninhos que construístes com afínco e cuidado; outros apenas visitavam.

Nas manhãs, depois do café com muita prosa e sabores repartidos, íamos em bando contigo nas andanças por estradas de terra até às montanhas, às quedas d'água, em percursos tecidos com conversas e encantamentos.

Andas ainda, agora, aqui comigo, ao me ver lendo teu livro de andarilho, o último entre os tantos que me deste, o *livre, enfim*, fonte da mais pura poesia. Esse nome de livro me assustou um tanto, e foi o teu último livro de poemas, escrito dois anos antes da tua partida, um misto de voo e despedida. Sábio, tu não fugias de lidar com a

finitude. Disso eu sabia. Um pouco me encantava, um tanto me doía. Alguns dos poemas, plenos de coragem e abertura, são diálogos com o mistério da morte, como aquelas tuas conversas com a senhora da foice, em que com ela falavas sobre as vezes em que ela quase te levou, em acidentes ou doenças. Eram cartas em que, com aquele teu humor inteligente e ampla espiritualidade, brincavas com a morte quase como quem brinca com uma velha amiga. Não sei se algum dia serão publicadas, mandavas para as/os amigas/os por e-mail, guardo-as como relíquias.

Em *livre, enfim* os temas são vários, entre luas, ventos, o tempo e suas cambalhotas, os amigos vivos e os que se foram, e as delicadezas das tuas leituras do mundo e seus movimentos.

Esse, entre os que tocam na finitude, lembra-me particularmente a filosofia que bordavas em tuas falas, entre os opostos ser/não ser, fim/infinito, escuro/claro, finitude/vida, queda/voo e tantos outros:

ir para a morte

*É um fim de tarde
(assim parece a quem de longe espia)
e por uma trilha vinha
quem para a morte vagava e lá se ia.
E lento andava como sem pressa alguma
e evitava tropeçar nas pedras do caminho.
E ele dava numa estrada de cor negra
que o negro de sua cor longe estendia.*

*E ele andava como quem indo, vinha.
E ali chegou quando a tarde de noite se vestia.
E por ali foi quando não era já a tarde
e nem a noite era, inteira, a noite ainda.
E agora, sem temor de cair ele caminhava
sabendo e sem saber de onde veio,
para onde andava e porque ele partia.*

*Ao longe a estrada escura escurecia
e foi quando sem olhar o chão ele sentiu
que a estrada que havia, não havia.
Caminhava sem rumo; sem destino?
Como quem vai sobre um negro disco
de negrume inteiro feito e sem limite
sem norte ou sul, sem mesmo serventia
a não ser estar ali, e ser sem fim. E ele sentiu
que ao caminhar o próprio chão já não havia.*

*E sem nada sobre o que andar ele seguia
agora sem rumo, sem hora e sem caminho
solto no ar do nada, etéreo como o vento
ou como quem sem asas voa, voa!
Até quando no ir, ele se foi: sumiu
e, livre enfim de tão ser nada
e no que em seu nada-ser, agora ele era
o que depois de não-ser, ainda existia.*

Carlos Rodrigues Brandão

Santa Maria, no Rio Grande do Sul em 2019ⁱⁱⁱ

Aqui existes, amigo-mestre, agora e sempre, no coração do teu jardim. Ainda e sempre, desde antes, espalhas flores na vida que ainda acendem a humanidade em nós no dia a dia.

Como dissestes em teu haicai:

*Quando for a hora
e te fores,
lembra-te que é melhor
se entre as flores.*

Carlos Rodrigues Brandão^{iv}

Em outro curto poema me consolas:

*Saudade é isto?
Ficou em mim até agora
quem veio ontem...
e foi embora.*

Carlos Rodrigues Brandão^v

Estás aqui conosco, no sempre, no silêncio do colibri que canta em ti.

Como um alinhavo dessa costura, segue o poema que sopraste em mim naquela semana triste em que partiste:

ANDARILHO DA TERNURA

um eterno menino

desceu das estrelas um dia.

*das estrelas nunca se esqueceu,
andava a procurá-las,
com elas conversava
num morro de Minas,
encantado.*

*menino travesso,
avesso a regras fúteis,
amante da liberdade,*

*semeou pelos caminhos
amor e amor,
tanta amizade.*

*semeou sabedoria
com leveza e generosidade.
um menino sábio,
um sábio senhor poeta.*

*andava pelos caminhos
a cultivar poesia.*

*arauto da partilha,
bendito andarilho,
espalhou o bem e a ternura por onde passou.*

*solidariedade era seu chão,
amor à natureza o seu ar.*

*incansável sonhador,
criou espaços de saber e acolhimento,
criou escritos de ouro puro,
muitos e muitos,
doados ao mundo com amor.*

*nosso Brandão menino
continua vivo
nas tessituras da Luz que espalhou,*

*nosso Brandão poeta e educador,
amigo da Vida,
Mestre da Ternura,
eterno buscador.*

*nosso Brandão querido
plantou um dia uma Rosa
no coração de cada um de nós.*

*seja essa rosa o jardim
em que possamos juntos
cultivar as lindas lições
que ele em nós deixou.*

*que a imensa saudade,
mesmo que doa tanto,
perfume nossa memória
com o sabor dos encontros
com ele vividos.*

*encontros
elos eternos,
ternos elos
com os quais
nosso Amigo
nos presenteou.*

*nosso amado andarilho
das estrelas já nos fala,
com aquela doce voz,
que sempre estará entre nós.*

[12/7/2023 – pro Brandão, com amor e profunda gratidão]

-
- i Brandão. C. R. *livre, enfim*. Americana/SP, Paladar Cultural 2021, contracapa
ii Ibidem, p. 42
iii Ibidem, p. 52
iv Ibidem, p. 70
v Ibidem, p.71